

O AUTISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM ESTUDO DE CASO

Amanda Lang¹
Orientadora: Sandra Pottmeier²

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista está presente em várias culturas e diferentes grupos sociais. De origem e cura sem causas conhecidas, compromete três importantes áreas: a interação social, a linguagem e comportamento (social e adaptativo). Este estudo inserido no curso de Neuropsicopedagogia (Lato Sensu) do Centro Universitário Leonardo da Vinci tem por objetivo descrever o Transtorno de Espectro Autista (TEA), suas características, definição, etiologia e também como a partir dos jogos e brincadeiras, dentro da teoria da gestaltpedagogia ocorre a flexibilização do contato, a reestruturação da identidade e a construção da autonomia de um aluno autista matriculado no ensino regular. A presente pesquisa justifica-se pela maneira como esse transtorno é visto no ambiente escolar, nesse caso, no ambiente escolar regular e de que forma professores, colegas e demais funcionários da escola poderão intervir para quebrar o enrijecimento desse contato do aluno consigo próprio e com todos a sua volta. A metodologia é a de cunho qualitativo, pois recorre-se a observação e entrevista com os sujeitos envolvidos. Assim, os resultados sinalizam que é preciso olhar para as pessoas portadoras de TEA de maneira individualizada. É de suma importância que a família trabalhe os aspectos relacionados à vida diária, comportamentos sociais antes da criança ir para a escola. Professores e apoio pedagógico precisam compreender que não há receita, método correto ou errado, pois o que funciona com um aluno com TEA pode não funcionar com outro aluno com o mesmo transtorno. Logo, é necessário que professores construam uma relação com esse aluno baseada no respeito visando à qualidade do ensino e garantindo a estada deste aluno na escola.

Palavras-chaves: Transtorno de Espectro Autista, Gestaltpedagogia, Desenvolvimento Humano.

Abstract: Autism Spectrum Disorder is present in many different cultures and social groups. Of origin and healing without known causes, committed three important areas: social interaction, language and behavior (social and adaptive). This study inserted in the course of Neuropsicopedagogia (broad sense) of the University Leonardo Da Vinci Centre aims to describe the Autistic Spectrum Disorder (ASD), their characteristics, definition, etiology and also as from the games and plays within the theory of gestaltpedagogia is the flexibility of the contact, the restructuring of identity and the construction of autonomy of an autistic student enrolled in regular schools. This research is justified by the way this disorder is seen in the school environment, in this case, in the regular school environment and how teachers, colleagues and other school staff can intervene to break the rigidity that contact the student

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Regional de Blumenau. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Especialista em Educação Inclusiva pela FURB/SAPIENCE. Atua como Docente de Educação Inclusiva no Sistema FIESC/SESI e no curso de Psicologia, nas disciplinas relacionadas à aprendizagem e educação da UNISOCIESC/IBES. Email: psicolouca@pop.com.br

² Graduada em Letras e mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau. Docente colaboradora nos cursos de Pós-Graduação na modalidade EAD e Semi-Presencial do Centro Universitário Leonardo da Vinci. Realiza pesquisas na área da Educação com ênfase em Linguística. Email: pottmeyer@gmail.com

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

with himself and everyone around. The methodology is the qualitative nature because it is through observation and interviews with those involved. Thus, the results indicate that one must look for people with ASD individualized way. It is extremely important that the family work the aspects of daily life, social behavior before children go to school. Teachers and educational support need to understand that there is no recipe, right or wrong method because what works with a student with ASD may not work with another student with the same disorder. It is therefore necessary that teachers build a relationship with these students based on respect aiming at the quality of education and ensuring the stay of students in school.

Keywords: Autism Spectrum Disorder, Gestaltpedagogia, Human Development.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo descrever o Transtorno de Espectro Autista (TEA), suas características, definição, etiologia e também como a partir dos jogos e brincadeiras, dentro da teoria da gestaltpedagogia ocorre a flexibilização do contato, a reestruturação da identidade e a construção da autonomia de um aluno autista matriculado no ensino regular. O presente estudo justifica-se pela maneira como esse transtorno é visto no ambiente escolar, nesse caso, no ambiente escolar regular e de que forma professores, colegas e demais funcionários da escola poderão intervir para quebrar o enrijecimento desse contato do aluno consigo próprio e com todos a sua volta.

A metodologia é a de cunho qualitativo, recorre-se a observação, entrevista, narrativa da vida dos sujeitos envolvidos, nesse caso, Lucas*, professora da sala de aula regular e professora da sala multifuncional. O aporte teórico está fundamentado em: Almeida (1974), que trata da educação lúdica e a importância dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento humano, Orrú (2009), que aborda o uso de alguns métodos, especificamente do método TEACCH e sua utilização em sala de aula, Ribeiro (1985), que descreve o método da Gestalt e sua aplicação dentro do ambiente escolar.

Assim, as próximas seções tratam: a) da metodologia utilizada; b) fundamentação teórica referente ao Transtorno de Espectro Autista (TEA), gestaltpedagogia e o brincar e desenvolvimento humano; c) análise e discussão dos dados; d) considerações finais e, por fim, as referências.

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada teve como ponto de partida, a pesquisa qualitativa, pois nesse tipo de pesquisa acaba por ocorrer uma relação mais dinâmica entre o ambiente a ser pesquisado e os sujeitos nele inseridos. O ambiente natural (nesse caso, a escola e a sala de aula), acabam por ser a fonte de onde foram tirados os dados que serviram de base para as intervenções descritas ao longo do artigo.

Segundo REY (2005, p.9): " A pesquisa qualitativa é um processo dialógico que implica tanto o pesquisador, quanto as pessoas que são o objeto da pesquisa a serem sujeitos ativos nesse processo". Esse tipo de pesquisa devolve a condição de sujeito dos envolvidos na pesquisa e ambos (pesquisador e pesquisado) são peças importantes no processo de produção do conhecimento, como resultado da pesquisa.

2.1 O CONTEXTO DA PESQUISA

A Escola Básica Municipal Professora Adelaide Starke foi criada pelo Decreto nº 1651/80 de 29 de outubro de 1980, para o Ensino de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Pelo Parecer nº 341/81, do Conselho Estadual de Educação, teve autorizado o funcionamento definitivo de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental. Este nome é decorrente de sugestão do poder público em homenagem (in memorian) a uma educadora da Rede Municipal de Ensino. As informações sobre a escola campo desta pesquisa foram retiradas do Projeto Político Pedagógico da escola³.

Foi designado como seu primeiro diretor, o professor Anselmo Antônio Hillesheim (in memorian), que fez a matrícula dos alunos em novembro de 1980. A matrícula foi efetuada num rancho de atendimento da construtora contratada para execução da obra desse educandário, pois, no ato da matrícula, existia apenas o terreno para construção da escola, na Rua São Bernardo, Blumenau/SC.

³ Projeto Político Pedagógico da Escola Básica Municipal Adelaide Starke (2014).

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

As aulas tiveram seu início em 23 de fevereiro de 1981, com 123 alunos matriculados, sendo utilizadas duas salas de aula, que atenderam ao funcionamento de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. A escola reunia, além de famílias naturais da cidade de Blumenau/SC e cidades vizinhas, alunos de diversas procedências, fruto da migração originada de distintas regiões do Brasil. Geograficamente, localiza-se no bairro Itoupava Norte, rua São Bernardo 700, Bairro Itoupava Norte, entre o Rio Itajaí-Açu e o bairro Fortaleza.

Surgiu, na década de 1970, a partir da construção de um conjunto habitacional financiado pelo Sistema Financeiro de Habitação. Antes eram terras cultivadas por pequenos colonos dedicados à produção de leite e produção hortigranjeiros. Quanto ao nível de escolarização, naquela época, a maioria dos pais cursou Ensino Fundamental, um número reduzido cursou Ensino Médio e poucos concluíram o Ensino Superior. As famílias desta comunidade desempenhavam atividades bem diversificadas. As mais frequentes são: serviços gerais, motorista, doméstica, serviços de escritório, vendedores, representantes, costureira, manutenção técnica, pedreiro, faccionistas entre outras. Parte das mães trabalhavam fora do lar. Em algumas das famílias, há pessoas desempregadas. Em relação ao nível socioeconômico, há predominância da classe baixa, apresentando também algumas famílias de situação financeira mais privilegiada, enquanto outras vivem em condições bastante desfavoráveis, necessitando inclusive de apoio em programas assistenciais.

Após 34 anos de existência, a Escola encontra-se bem diferente de seu projeto inicial. Aos poucos, com determinação e esforço de inúmeros profissionais da educação e comunidade, esta foi sendo gradativamente ampliada a fim de atender à demanda educacional.

Por volta de 2009, com a inauguração da sala de recursos multifuncionais e com a posterior contratação de professoras de apoio é que a escola passou a marchar ativamente para a inclusão (informação verbal)⁴. Hoje, a escola é conhecida popularmente pelo trabalho com a inclusão de alunos com deficiência, e que, segundo dados coletados com a administração da escola no dia da visita, da primeira observação e entrevista com a professora Cirlene⁵, possui

⁴ A informação foi repassada pelo Diretor Adjunto, Sr. Gilberto Valdemiro Poncio.

⁵ A professora pesquisada recebe nome fictício. É graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI. Atua como professora da sala de recursos multifuncional na E.B.M Adelaide Starke.

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

em seu quadro de alunos 36 alunos portadores de alguma deficiência, dos quais 11 apresentam o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

2.2 A INCLUSÃO/EXCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA

A articulação visando a um aprendizado mais democrático e mais acessível, se dá por meio da professora de apoio, que está na sala de aula comum. Esta faz a mediação entre o conteúdo apresentado em sala com o aluno e também está presente no atendimento educacional especializado, que acontece no contra turno da aula. O atendimento especializado visa trabalhar com o aluno com base em suas necessidades específicas. Outro fator observável é que, nos casos dos alunos da escola, praticamente todas as crianças portadoras do TEA apresentam alguma comorbidade, exigindo assim cuidados ainda mais específicos, caso a caso. A acessibilidade proporcionada pela estrutura física da escola, com rampas e acessos facilitados para cadeirantes, por exemplo, fazem com que toda a estrutura da escola seja possível de ser acessada por todos.

Em relação às necessidades dos portadores do TEA no ambiente escolar, Alves e Guareschi (2011b) comentam que cada aluno portador do TEA terá suas especificidades e sua forma de lidar com o saber, ou seja, cada um terá seu próprio estilo de aprender. As mesmas autoras, ainda, vão além e afirmam que “a partir disso, é importante considerarmos que, apesar dos signos (manifestações) característicos de cada um desses quadros, nós, professores, devemos lançar um olhar atento para além do diagnóstico, não engessando o sujeito em um determinado transtorno” (ALVES; GUARESCHI, 2011b, p. 296).

É importante salientar este ponto, de modo a não limitar as possibilidades dos alunos com deficiência. De acordo com a professora Cirlene, da Escola Adelaide Starke, os alunos entram na escola na sala de aula comum e observam-se as limitações e potencialidades de cada um. Desta forma, não se separam os alunos com deficiência dos demais alunos e não se estigmatizam sobre as suas possibilidades. Indo de encontro a esta prática, Schmidt (2012, p. 297) orienta que “o autismo é um transtorno amplo, necessitando intervenções de diferentes

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

áreas do conhecimento que incluam todos os comprometimentos da criança, mas que, sobretudo, focalizem suas potencialidades”.

A prática do estágio em Neuropsicopedagogia é de suma importância tanto para o pós-graduando como também para a Instituição, pois o olhar de alguém que está de fora do ambiente escolar acaba sendo mais apurado, pois é um olhar voltado para a subjetividade de todos os sujeitos envolvidos, alunos, professores e demais funcionários. Trabalhar com a Inclusão, principalmente em instituições de ensino, muitas vezes é deixado de lado a pessoa, o sujeito e passa-se a perceber apenas a deficiência como fim e não como uma particularidade a mais daquele sujeito. Sendo assim, a observação e a intervenção de estágio vieram de encontro ao resgate dessa visão de ser humano, através das atividades, entrevistas e conversas desenvolvidas durante o estágio.

2.3 INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA: SUJEITOS DA PESQUISA

A intervenção psicopedagógica foi realizada na sala de uma turma de 3º ano da Escola Básica Municipal Adelaide Starke (antiga 2ª série) com 16 alunos matriculados e 2 com diagnóstico de TEA - Transtorno de Espectro Autista (sendo um autismo infantil e outro com Asperger). Optamos pelos seguintes instrumentos de coleta de dados: a) observação; b) entrevista; c) narrativas. Assim, seguimos para as subseções que tratam do contexto e sujeitos da pesquisa. Penso que esta informação pode seguir lá onde fala sobre os sujeitos. Através da observação e anterior conversa com a professora da sala multifuncional, o caso escolhido foi do aluno Lucas de 11 anos de idade, diagnosticado com autismo infantil, com comprometimento na parte da comunicação e interação (CID - F84.0). Em conversa com a professora da sala multifuncional (onde são atendidos em horário contra turno ao turno escolar, todos os alunos com deficiência), a mesma relatou que o aluno Lucas veio para a escola apenas neste ano de 2014, que em anos anteriores frequentou escolas tanto do município de Blumenau, quanto estaduais e também a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais).

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

Lucas apresenta comportamentos de autoestimulação, principalmente da parte oral, e também apresenta compulsão por comida, o que causa um certo estresse nas professoras, que precisam cuidar para que Lucas não fique pegando a comida dos alunos (alguns alunos, podem não entender e apresentar um comportamento agressivo em resposta ao comportamento de Lucas). A primeira intervenção aconteceu após a observação feita no dia 28 de novembro de 2014, na turma onde Lucas estuda. Este faz uso de várias medicações, as quais as professoras não souberam relatar para que fim seria. Em conversa, pode-se verificar que o aluno possui uma família, composta pelo pai, pela mãe e por um irmão mais velho, fruto do primeiro casamento de sua mãe. Quando há reunião com os pais dos alunos que frequentam a sala multifuncional, conforme relato das professoras, é raro os pais aparecerem, e quando confrontados a resposta é que a mãe possui "depressão" e é muito difícil para ela sair de casa.

Segundo Cancino (2013, p. 17): "Após uma dolorosa travessia por diferentes clínicas, centros especializados e profissionais da saúde, recebem o diagnóstico de transtorno global do desenvolvimento, distúrbio de espectro autista ou transtorno severo da linguagem." Assim, o objetivo dessa primeira intervenção foi para criar um vínculo, ter uma zona de contato com Lucas, e entender como funciona o seu comportamento em situações novas, como no caso da presença de uma pessoa estranha em sala de aula. Num primeiro momento estabeleceu-se o contato visual entre Lucas e a estagiária, o que acabou causando um certo estresse no aluno, pois o mesmo começou a andar pela sala e quis sair, como sempre faz quando em contato com situações novas que fogem da sua rotina diária.

Esses comportamentos apresentados por Lucas, segundo (CANCINO, 1993, p. 248): "podem ser nominados como estereotípias, onde a criança pode insistir na realização de rotinas particulares e rituais de caráter não funcional". A dúvida que segue: por que Lucas tenta criar esse vínculo? Somos seres gregários, vivemos em grupos e nos relacionamos com várias pessoas em vários ambientes, e segundo Orrú (2009, p. 13): "O desenvolvimento humano transcorre no sentido das relações interpessoais para as funções intrapessoais", ou seja, para nosso desenvolvimento ser saudável é preciso que tenhamos contato com outras pessoas.

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

Os materiais utilizados nesse primeiro dia foram: um caderno, algumas revistas e o próprio ambiente de sala de aula. Para tirar Lucas do foco da situação, a professora que o acompanhava (PAP - Profissional de Apoio Pedagógico) nesse dia (em um mês, passaram três professoras diferentes, pois a que acompanhava Lucas, ficou doente e não voltou mais para a escola), colocou o aluno entre duas carteiras para que não fugisse e deu a ele algumas revistas, pelo visto o movimento das páginas e a sensação que causam, parecem acalmar Lucas. No segundo dia da intervenção, os objetivos se mantiveram os mesmos: possibilitar ao aluno construir sua identidade e autonomia, dessa vez com o uso do lúdico flexibilizando assim o contato e o reconhecimento de si mesmo como parte integrante do meio que está inserido. Nesse dia, o aluno estava com outra PAP (Professora de Apoio Pedagógico), o que para um portador de Transtorno do Espectro Autista é uma quebra na rotina estabelecida, o que acaba por refletir em seu comportamento na sala de aula.

Segundo Khoury et al (2014, p. 14): "o contato social é sempre prejudicado, não porque o aluno demonstra desinteresse, mas porque houve uma ruptura no vínculo pré estabelecido anteriormente." Nesta intervenção, a estagiária chegou explicando o que iria fazer e que precisaria que Lucas prestasse atenção aos comandos que seriam dados (contato visual através do estalo dos dedos, ordens curtas, objetivas com a fala pausada). Após os primeiros comandos, o aluno se mostrou mais calmo e relaxado, pois não apresentou nenhum comportamento estereotipado. Os materiais utilizados nesse dia: mordedor de borracha (comportamento de colocar tudo o que vê na boca), potes coloridos que se encaixam um dentro do outro (atenção e concentração) e objetos com texturas diferentes (treino tátil). Lucas através de ordens simples e objetivas, deveria encaixar os potes um dentro do outro, conforme as cores. Houve duas tentativas, uma com sucesso, onde aconteceu o contato e a interação. Na segunda tentativa, não houve sucesso, pois Lucas jogou os potes no chão. A estratégia utilizada nesse momento, trocar de atividade deu certo, pois o aluno ficou visivelmente interessado em ficar com o mordedor (estimulação oral). Houve uma quebra na rigidez de contato, e Lucas pela primeira vez (conforme relatado pela Professora de Apoio Pedagógico - PAP), seguiu as ordens dadas e executou o que foi pedido.

3 AUTISMO: VISÃO GERAL E DEFINIÇÕES

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

Segundo Tuchman e Rapin (2009), o termo autismo foi criado por Eugen Bleuer, psiquiatra suíço, para caracterizar sintomas negativos e a alienação social de sujeitos que sofriam de esquizofrenia, no ano de 1908. Historicamente esse mesmo termo, já foi utilizado por Leo Kanner, psiquiatra austríaco e Hans Asperger também psiquiatra. Ambos utilizaram o termo "autismo", para descrever crianças que apresentavam incapacidades em algumas áreas do desenvolvimento global e um déficit no campo do relacionamento interpessoal.

Desde que foi utilizado pela primeira vez, o autismo e suas particularidades foram descritos em grandes obras da medicina e também da psiquiatria, como por exemplo, o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), que se encontra em sua 5ª edição e o CID 10 (Classificação Internacional de Transtornos Mentais e do Comportamento). Nessas obras é possível encontrar diversas formas de nomear o autismo: transtorno de Asperger, transtorno global do desenvolvimento, transtorno invasivo do desenvolvimento e por fim, o mais utilizado principalmente na área escolar, Transtorno de Espectro Autista (TEA). Mas, se pararmos para pensar em todos esses termos acima descritos, do que exatamente estamos falando? O que significa Autismo? Quais as implicações desse transtorno a curto, médio e longo prazo? A palavra Autismo vem do grego "autos", que significa "voltar-se para si mesmo, ensimesmar-se", que descreve o típico comportamento dos autistas de se fecharem em seu próprio mundo (ORRÚ, 2009, p. 17).

3.1 CAUSAS DO AUTISMO

Em relação as causas do autismo, muito se tem especulado e muitas hipóteses acabam surgindo para explicar esse transtorno. As questões relacionadas sobre possíveis causadores do autismo foram e continuam sendo bastante polêmicas, hipóteses baseadas em causas psicológicas, causas biológicas, cerebrais e até ambientais são utilizadas para tentar explicar esse transtorno. Há alguns anos, surgiu uma hipótese que até pouco tempo atrás era utilizada para explicar o autismo, a Síndrome da Mãe geladeira, ou seja, a mãe e sua falta de vínculo com o bebê acabaria por desencadear o autismo futuramente.

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

O autismo é um dos muitos transtornos que fazem parte do TDD (Transtornos do Desenvolvimento), assim como a síndrome de DOWN, Síndrome de Rett, entre outros. Mas para falar em transtorno e desenvolvimento, primeiro é preciso saber o que significa cada uma dessas expressões e qual implicação na vida dos sujeitos afetados. Através de pesquisas feitas, já é possível afirmar que a maioria dos casos de TDD (em se tratando do autismo) têm uma carga genética herdada e herdável por meio de muitas gerações e que muitas vezes, resultam da combinação dos genes recessivos de ambos os pais. A estas condições genéticas, somam-se ainda os efeitos do ambiente, durante a gravidez (proteção e cuidado, traumas, hábitos nocivos, tabagismo), a falta de uma alimentação adequada, que afeta não apenas a mãe, mas também o feto em formação.

4. O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA ATRAVÉS DOS JOGOS E DAS BRINCADEIRAS

Desde os primórdios da humanidade, os jogos e as brincadeiras se constituem como uma forma de atividade inerente aos seres humanos. A verdadeira educação (nesse caso, a escolarização, as situações vividas em ambiente escolar) é aquela que estimula na criança e no jovem, o melhor comportamento para assim satisfazer suas necessidades, sejam elas orgânicas ou cognitivas. Vários teóricos que escreveram sobre a educação, como Piaget, Vygotsky, Wallon e tantos outros, no decorrer de seus estudos sobre o desenvolvimento e aprendizagem humana, utilizaram o contexto dos jogos e das brincadeiras.

Segundo Almeida (1974, p. 41): "Se com efeito, a psicologia genética dá tamanha atenção ao jogo, é porque o jogo constitui em si uma atividade singularmente importante que se move entre a imaginação e a realidade vivida pela criança". A psicologia genética de Jean Piaget caracteriza os jogos e as brincadeiras de acordo com cada fase do desenvolvimento do ser humano, ou estágios como são conhecidos na educação. Quando Piaget estudou o desenvolvimento humano, queria entender como ocorre a maturação biológica e qual sua importância, relação no processo de adaptação do ser humano. Para Piaget, as fases ou estágios são universais, ou seja, todos em qualquer parte do mundo passam pelas mesmas fases e que não se pode ir para um estágio ou fase mais avançada sem passar pelo anterior.

O primeiro estágio é conhecido como sensório motor, e vai até os 2 anos de idade. Neste estágio, a criança irá desenvolver seus sentidos, movimentos e percepção através do toque, do paladar, ou seja, tudo é muito ligado ao sensorial, aos sentidos em primeiro lugar. Esses jogos e brincadeiras, por meio dos sentidos, é que irão estimular o desenvolvimento da criança, mas também é necessário que o ambiente em que a criança vive, seja estimulante tanto para a área cognitiva como para a área emocional (no transtorno de espectro autista, uma área comprometida).

A criança nesse estágio necessita do adulto por inteiro, pois é dele que irá depender seu crescimento e sua relação social. Almeida (1974, p. 44) afirma que: "Bebês quando isolados nos primeiros anos de vida e impedidos de ter contato com outras pessoas e com o ambiente (brincar, por exemplo), tendem a aumentar a agressividade, a timidez e até mesmo perturbações permanentes na área do comportamento social". Entre outras palavras, crianças que são criadas isoladas de tudo e de todos tendem a ficar prejudicadas intelectualmente e fisicamente, por isso o contato com adultos nessa fase é de suma importância. Outro ponto é o desenvolvimento físico que é acelerado, pois é o suporte para o surgimento de novas habilidades necessárias para os próximos estágios.

Após passar por esse estágio, a criança entra no que chamamos de estágio pré operatório, que vai dos 2 aos 7 ou 8 anos de idade. Este estágio pode ser dividido em dois momentos distintos. O primeiro, que é chamado de fase simbólica, que vai dos 2 aos 4 anos de idade, onde os exercícios motores como rasgar papel, pega o lápis, encaixar peças no lugar certo, montar e desmontar acabam por seguir uma ordem intencional, provocando assim, reações, manifestações psicomotoras. Nessa idade acabam surgindo as brincadeiras de faz de conta, onde há a imitação de tudo e de todos à sua volta. Esse jogo simbólico, o faz de conta, só é possível porque a criança passou pelo estágio anterior, o sensório motor. As brincadeiras mais simples que a criança participa, na verdade são as que mais estimulam o desenvolvimento intelectual, ou seja, quanto maior o número de informações novas, maior o número de registros que ocorrerão no cérebro da criança. O segundo momento, é o que pode-se chamar de fase intuitiva, fase pré escolar e nessa fase, a criança já é capaz de utilizar símbolos mentais que representam objetos ausentes do ambiente em que se encontra.

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

Os jogos e brincadeiras que antes eram simples, como os jogos de faz de conta, agora passam nessa fase, a ter uma seriedade absoluta na vida da criança. Se percebe nessa fase, que a criança gosta de tudo o que a faz se movimentar, ou seja, correr, pular, nadar são atividades que promovem o desenvolvimento dos músculos, que mais tarde irá auxiliar na coordenação motora fina. A imitação continua presente nessa fase e por isso, a participação e a postura dos pais, professores e demais adultos que fazem parte da vida da criança, são importantes, para que se crie assim relações de confiança, afeto e cumplicidade. Segundo Almeida (1974, p. 49): "É fundamental que a família e a pré escola proporcionem um ambiente rico em informações que possam estimular o desenvolvimento, e nunca forçar a criança a assimilar nada além daquilo que é capaz de fazer naturalmente e com prazer."

A próxima fase, estágio é chamada de operatório concreto, que compreende a criança na faixa etária dos 8 aos 11 anos. A criança nessa fase começa a adquirir as noções de tempo, de espaço e é capaz também de relacionar diferentes aspectos e através deles abstrair dados da realidade à sua volta, mas ainda é necessário partir do mundo concreto para essa abstração. No tocante aos jogos e brincadeiras, esses são mais uma forma de interação social, com regras a serem seguidas, o que corresponde a fortalecer os laços estabelecidos em fases anteriores. Há nessa fase, uma predileção aos jogos e brincadeiras que tragam novas descobertas e também despertam a competição entre as crianças, sendo assim, o adulto nesse momento mais um dinamizador e um guia no que diz respeito às regras de cada jogo. Na última fase, estágio, que é chamado de operatório formal, há uma mudança, pois deixa-se de lidar com crianças, e passa-se a lidar com adolescentes, pois essa fase compreende a faixa etária dos 12 aos 14, 15 anos.

Há uma gama de mudanças nessa idade, o corpo está mudando, os interesses passam a ser outros, conseqüentemente os jogos e brincadeiras também mudam, nesse caso, os jogos despertam muito mais a atenção e a curiosidade dos jovens. O adolescente nessa fase em particular, já consegue raciocinar por meio de teorias e não apenas pelos aspectos reais (concretos) das situações que vivencia. Nesse sentido, o caráter dos jogos é o poder de conquista de algo novo, de desafios através de quebra cabeças, discussão em grupo, jogos eletrônicos e também aventuras. Observa-se muito forte nessa transição da infância para a

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

idade adulta, a imaturidade emocional justamente por conta das mudanças corporais, emocionais e cognitivas.

4.1 O PROCESSO DE CADA ALUNO

De acordo com a professora Maria que atua na sala de recursos multifuncional (EBM Adelaide Starke), o primeiro passo é conhecer o aluno, para então identificar seus pontos fortes e pontos fracos e traçar as estratégias pedagógicas para cada um, considerando as manifestações do transtorno, mas não se limitando por ele. Segundo Schmidt (2012, p. 296), “A intervenção a ser utilizada no tratamento do autismo deve ser selecionada com base na avaliação do perfil que a criança apresenta naquele momento, com base nos pontos fortes e fracos das áreas social, comportamental e de linguagem”. Para auxiliar no processo de aprendizagem dos portadores do TEA, a escola se baseia no método TEACCH (Treatment and Educations of Autistic and Related Communication Handicapped Children).

De acordo com Orrú (2009, p. 60), o TEACCH “é um dos métodos frequentemente utilizado no Brasil e no mundo por instituições que trabalham ‘com autistas e tem seus princípios baseados na teoria comportamental”. De acordo com Maria, o trabalho com este método também permite uma maneira mais coerente de avaliação para estas crianças. Depois de conhecer o aluno em um sentido mais amplo, identificando suas potencialidades e suas áreas mais debilitadas, traçam-se objetivos a serem alcançados, de acordo com o seu nível de desenvolvimento. Sobre isso, Alves e Guareschi (2011, p.296) lembram que “o educador que trabalha com esses alunos deve estar disposto a reconhecer e valorizar a singularidade e uma forma de aprender não padronizada”.

O interesse do professor em fazer a inclusão, nas palavras de Maria (EBM Adelaide Starke), é um dos fatores mais importantes e mais decisivos para que esse processo ocorra com sucesso (informação verbal). Com subsídios na bibliografia, Collin et al. (1997, p. 40) confirma esta informação, dizendo que:

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

A escolarização destas crianças precisa estar lastreada no desejo do professor, pois este, ao apontar seu desejo para o aprendizado da criança, supõe nela um sujeito também desejante e, portanto, capaz de aprender. Desta disposição de subjetividade é que poderão surgir as curiosidades que abrirão acesso ao sujeito em aprendizagem.

Além do interesse crucial por parte do professor, o interesse da família também foi apontado como um fator de grande relevância. De acordo com a professora Maria, de nada adianta um grande trabalho inclusivo na escola se a família não aceitar a criança à sua maneira, com suas particularidades e em um processo constante de observação e ação diante do desenvolvimento de suas crianças.

5. GESTALPEDAGOGIA: DEFINIÇÕES E OBJETIVOS NA PRÁTICA ESCOLAR

A gestalpedagogia é uma vertente da gestalt teoria (parte teórica) e gestalt terapia (parte prática), que se utiliza desses conceitos e práticas em sala de aula, no ambiente educacional, com currículos e metodologias que acabam por priorizar o campo afetivo e cognitivo envolvido nos processos de aprendizagem dos alunos. Segundo Ribeiro (1985, p. 65):

A psicologia da Gestalt se dedicou, sobretudo ao estudo da percepção, da aprendizagem e da resolução de problemas. Vê o problema da percepção, aprendizagem e solução de problemas como algo determinado peça realidade do campo visto como um todo. Quando existe problema em alguma destas três modalidades, é que falta algo à verdadeira solução da situação. Torna-se, então, necessária uma reestruturação do campo perceptual.

Pessoas que possuem o Transtorno de Espectro Autista (TEA) apresentam um comprometimento nas áreas que envolvem o processo da percepção, aprendizagem e solução de problemas, ou seja, a comunicação, interação social e os comportamentos motores. A abordagem da gestalpedagogia é formulada a partir das necessidades dos sujeitos envolvidos nas diversas situações sociais, que irão desencadear um processo de crescimento que modificará esse sujeito e o meio que está inserido. Pode-se afirmar que essa prática envolve alguns objetivos a serem vivenciados dentro do ambiente escolar (sala de aula):

- possibilitar aos envolvidos, nesse caso, alunos e professores tenham um crescimento pessoal;
- recuperar partes perdidas e reprimidas dos sujeitos envolvidos;
- desenvolver o potencial humano do sujeito como um todo;
- estimular a consciência de si mesmo e a consciência do aqui-e-agora.

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

Assim, a *gestalt*pedagogia quer integrar o aprendizado cognitivo e o emocional, ou seja, eliminar a negligência com que o aspecto emocional dos alunos foi tratado até agora e amenizar a superênfatização apenas do aprendizado cognitivo, pois sem motivação, interesse ou emoção já está comprovado que o aprendizado não acontece de maneira efetiva.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção serão apresentados os resultados gerados pelas intervenções feitas na Escola Básica Municipal Adelaide Starke, como também os possíveis encaminhamentos para pais e professores, e demais funcionários da Instituição. A referida instituição de ensino, E.B.M Adelaide Starke, está aos poucos promovendo a inclusão, e sabe que os esforços para que essa causa realmente se cumpra, precisam partir de todos os envolvidos, ou seja, pais, familiares, escola, professores, alunos e até mesmo a comunidade escolar. Nesse sentido, é preciso que se conheça antes de mais nada a história de cada aluno com deficiência, e mais especificamente com o Transtorno de Espectro Autista (TEA).

Sabe-se que pessoas com TEA acabam tendo menos controle do corpo, dos movimentos, e isso se percebeu claramente em relação ao aluno Lucas, a agitação psicomotora como forma de "escapar" de uma situação nova, que cause ansiedade. Lucas tem 9 anos de idade, o que nos leva a afirmar que pela teoria do desenvolvimento de Jean Piaget, se encontraria na fase operatório concreto, onde os jogos e as brincadeiras são formas de interação social que fortalecem os laços estabelecidos nas fases anteriores. Pela idade de Lucas essa afirmação corresponderia, mas sendo portador de Transtorno do Espectro Autista, isso significa dificuldades na parte de interação social, e pelos comportamentos vistos durante as observações/intervenções, Lucas pela teoria de Jean Piaget, se encontraria agora no estágio sensório motor.

Fica como sugestão para a família, escola e demais pessoas que têm contato com pessoas portadoras de TEA (Transtorno de Espectro Autista), em primeiro lugar é o olhar individualizado para cada aluno, enxergar a pessoa antes mesmo do transtorno. Acima de tudo o respeito pelo ser humano que ali está, com suas particularidades. Para a família, trabalhar

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

aspectos relacionados à vida diária, comportamentos sociais, pois antes de ir para a escola é necessário que esse aluno já tenha introjetado regras básicas de convivência, pois assim estará "preparado" para o ambiente escolar. No início as crianças com TEA precisam aceitar serem tocadas, abraçadas, vestidas e alimentadas e também aceitar a presença de outras pessoas fora do ambiente familiar.

Assim, para professores, de sala de aula e de apoio pedagógico não há receita, método correto ou errado, pois o que funciona com um aluno com TEA pode não funcionar com outro aluno com o mesmo transtorno. Nesse sentido é necessário que professores construam uma relação com esse aluno baseada no respeito, na empatia e acima de tudo tendo em mente, que antes de qualquer coisa, são pessoas, e como pessoas precisam ser olhadas e tratadas da melhor forma possível sempre.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se aborda, se escreve sobre deficiências ou até mesmo sobre dificuldades de aprendizagem em qualquer trabalho, é preciso cuidar com o tipo de linguagem utilizada, também não utilizar juízo de valores, afinal é um trabalho que resultou de uma pesquisa intervenção. Essa pesquisa/intervenção, mesmo que por pouco tempo, acredita-se ter sido positiva para todos os envolvidos em termos do conhecimento gerado pela troca de experiências sobre o Transtorno de Espectro Autista (TEA) e as implicações decorrentes (como problemas na área da linguagem, na interação social e comportamentais) tanto para os alunos, como também para familiares, professores e escola.

Assim, a pessoa com Transtorno de Espectro autista (TEA) é única e exclusiva e embora tenha algumas características peculiares referentes ao transtorno, seus comportamentos, formas de pensar, agir, temperamento, inteligência e o mais importante sua história de vida, é completamente diferente de outra pessoa que também possua o transtorno. Pode-se ter acesso a todas as teorias escritas sobre o transtorno, ler todos os livros sobre o assunto, mas antes é necessário conhecer a fundo a pessoa antes da síndrome. Uma pessoa com autismo sente, sonha e percebe o mundo de forma particular, ou seja, como cada um de nós. Faz-se uma comparação do autista com um diamante a ser lapidado para que possa

LANG, Amanda; POTTMEIR, Sandra. O autismo na educação básica: um estudo de caso. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.14-31, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

brilhar, mas para isso é necessário acolher e ouvir o que o autista tem dizer, mesmo que para isso ele não utilize as palavras, afinal, não nos comunicamos apenas através de palavras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes. **Educação Lúdica**: Técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

ALVES, Marcia Doralina.; GUARESCHI, Taís. Transtornos Globais do Desenvolvimento. In: SILUK, Ana C. P. (Org). **Formação de Professores para o Atendimento Educacional Especializado**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011b.

CAETANO, Dorgival. **Classificação de Transtornos mentais e de Comportamento - CID 10**: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artmed, 1993.

CANCINO, Miguel Higuera. **Transtornos do Desenvolvimento e da Comunicação: Autismo - estratégias e soluções práticas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

COLLIN, Fernando et al. Começando uma travessia pela Ponte. In: Estilos da Clínica: **Revista sobre a Infância**, São Paulo, IPUSP, ano II, nº2, 2º semestre, 1997, p.139-144.

KHOURY, Laís Pereira et al. **Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar**: guia de orientação a professores [livro eletrônico]. São Paulo: Memnon, 2014.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, Linguagem e Educação**: Interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

REY, Fernando Luís González. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: Caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira, 2005.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt Terapia**: Refazendo um caminho. São Paulo: Summus, 1985.

SCHMIDT, Carlo. Transtornos Globais do Desenvolvimento. In: SILUK, Ana C. P. (Org). **Atendimento Educacional Especializado**: contribuições para a prática pedagógica. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

TUCHAMAN, Roberto e RAPIN, Isabelle. **Autismo**: Abordagem Neurobiológica. Porto Alegre: Artmed, 2009.